

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 148	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO] LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42]
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	1 DE FEVEREIRO 1883	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-5-	-5-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-		

## CHRONICA OCCIDENTAL

Ha dias a França perdeu um dos seus maiores homens na politica, Agora perdeu um dos seus maiores homens na arte.

Ambos elles encheram o mundo com o ruido feito em torno dos seus nomes celebres.

O morto de hontem chamava-se Leon Gambetta. O morto de hoje chama-se Gustavo Doré.

Esse grande desenhador, esse *illustrador* extraordinario a quem todas as grandes litteraturas da Europa levaram os seus monumentos colossaes para que n'elles assignasse o seu nome glorioso, a Inglaterra o seu Shakspeare, a Allemanha o seu Goethe, a Italia o seu Dante, a Hespanha o seu Cervantes, acaba de morrer d'uma angina pectoris, torturado pela ambição ensaciada d'uma gloria que lhe fugia, esmagado sob os esforços titanicos para vencer uma arte que o fascinava, e que o desprezava, como uma d'essas *coquettes* legendarias das tragedias terriveis dos amores fataes.

Metade da vida de Gustavo Doré foi a gloria no que ella tem de mais brilhante, a outra metade foi o *insuccesso* no que elle tem de mais desesperador, o trabalho herculeo de cada hora, aniquilado pelo desastre continuo, permanente fatal.

Metade d'essa vida, é Gustavo Doré desenhador; a outra metade é Gustavo Doré pintor de historia.

É curiosa esta dupla phase da vida d'esse grande e glorioso artista: é curiosa sobretudo porque é profundamente humana, porque representa essa ambição trivial dos grandes homens, das glorias que lhes são defezas, d'esse desejo fatal de sabir do genero em que são grandes para o genero em que são mediocres.

Um triste dia Gustavo Doré farto dos *successos* ruidosos do desenhador, começou a pensar na posteridade. Apresentar-se a ella como um simples desenhador, repugnou-lhe ao seu orgulho artistico.

E eis-o lançando-se palpitante de ambição na pintura historica, deixando o lapis com que fazia as suas extraordinarias illustrações, pelo pincel com que fez as suas triviaes e mediocres tellas historicas.

A primeira exposição em que Gustavo Doré appareceu como pintor de historia, o seu primeiro combate foi uma derrota seria.

A critica que diante das illustrações maravilhosas de Gustavo Doré, entoava a permanente accusação, de falta de educação artistica, de falta de correcção no desenho, sem que ninguem a ou-

visse, porque o talento extraordinario que cunhava essas illustrações, deslumbrava, estonteava, não deixara pensar em defeitos, a critica quando viu apparecer no Salon as primeiras grandes telas de Gustavo Doré, fallou tambem, e então todos a coviram.

A critica accusou Gustavo Doré de não sendo um colorista, não ter a austeridade da composição, a sciencia da fórma, a correcção de desenho, para fazer esquecer e perdoar a pobreza das suas côres. E d'esta vez nos quadros de Gustavo

Doré não havia nada que os protegesse contra a critica, e os *fiascos* amontoaram-se sobre *fiascos*, e as telas amontoaram-se umas sobre outras, no seu atelier da rua Bayard.

E repellido sempre pela sorte e pelo successo, Gustavo Doré não desanimava, e continuava sempre esse trabalho de Sysipho, esquecendo a derrota da vespera a pensar na victoria de amanhã, victoria que nunca apparecia, amanhã que nunca chegava.

Para o fim da vida, diz Albert Woeff que foi seu amigo intimo e que nos revella estes segredos dramaticos da vida do grande artista, Gustavo Doré começou a comprehender a sua verdadeira situação. Esse lutador infatigavel foi vencido finalmente; a ultima vez que o vi era um desanimado, invejando aos infimos, que lhe não chegavam aos calcanhares os *successos* praticos da exposição annual. Dava toda a sua gloria de illustrador por um bravo da multidão ao pintor. Doré morreu portanto sem ter conhecido desde a idade de homem a satisfação do orgulho que anima o artista no combate. Sempre vencido não teve em ultimo logar a energia de se erguer de novo, e de continuar o seu caminho.

A desillusão viera juntar-se a melancolia; quando Doré entrava em sua casa, na rua Saint Domingue, já lá não encontrara sua velha mãe a dizer-lhe que esperasse. Gustavo Doré daria tudo o que tinha, por um raio d'um successo de pintor que se obstinava a não querer illuminar aquelle cerebro sombrio, annuviado. Foi d'esse mal terrivel da ambição insacia-



O MAESTRO AUGUSTO MACHADO (Segundo uma photographia de Cayol Frères)

da, que Gustavo Doré morreu. O illustrado pintor tem o seu lugar marcado na historia das artes d'este seculo; o pintor perdeu muitos annos da idade madura atraz d'um ideal, que pela natureza especial do seu talento não podia attingir: seja! Mas nem por isso fica d'esse verdadeiro artista a recordação respeitavel d'um homem que aspirou sempre ás alturas serenas. Os que creem, julgarão que as attingiu na morte, os outros pensarão que essa alma em pena encontrou pelo menos na cova o socego.

O enterro do grande artista foi um acontecimento em Paris; concorreram a elle as maiores notabilidades artisticas e litterarias da França, e no cemiterio houve tres discursos, sendo um d'elles, e o mais notavel, pronunciado por Alexandre Dumas.

— Em Portugal houve poucos ou nenhuns factos notaveis durante estes dias.

O ramrão da vanguarda do carnaval e tres espectaculos novos nos theatros.

Os bailes de mascaras, como vão *touchant à sa fin*, repetem-se mais amiudo e tem mais concurrencia.

S. Carlos prepara os seus dois salões para uns bailes á luz electrica — uma luz que deve ser cruel para os farrapos enxovalhados que os guarda-roupas, que n'estas noites se improvisam em todas as sobrelojas da baixa, fornecem ao publico *qui s'amuse* — a Trindade em vez de luz electrica, serve este carnaval ao publico nove dançarinas novas em toda a extensão da palavra — a ser verdade a informação de que a mais velha tem 21 annos — nove dançarinas francezas e hespanholas, que a empresa manda vir para os bailados da peça que está montando a toda a pressa — *La viagem á roda do mundo*; D. Maria inaugurou, no domingo 28, os seus bailes de mascaras, mas inaugurou-os com uma cabeça partida e uma vida quebrada.

A cabeça foi a de um rapaz que estava bisnagando, — um verbo deploravel que, graças a Deus, só apparece no carnaval com as caras e as filloz — umas senhoras que estavam n'um frisa: a vida foi a de uma pobre Gauthier hespanhola, que depois de passar a noite a beber *groggs* e a dançar *cancans* no theatro de D. Maria, veio encontrar á sua espera em casa, na rua das Gaveas, a apoplexia.

Devem concordar que este prefacio do carnaval do anno de 1883, não é lá das coisas mais alegres; parece o prologo d'um drama de Victor Ducange: é verdade, porém, que os nossos bailes de mascaras nunca se recommendaram por uma alegria louca; se nem sempre, graças a Deus, ha n'elles hespanholas mortas e cabeças quebradas, para de ordinario sobre elles uma atmosfera de cemiterio.

— Os espectaculos novos da semana foram tres: os *Filhos d'Adão*, comedia em 3 actos, no theatro de D. Maria; o *Ultimo idolo*, de Daudet, o *Contra veneno* e o *Rival implacavel*, no theatro do Gymnasio; e a *Revista do anno*, no theatro dos Recreios.

Os *Filhos d'Adão* tiveram um completo successo de gargalhada: a peça, que é hespanhola, tem muita graça, a imitação feita pelo sr. Aristides Abranches, tem muita graça tambem, e igualmente muita graça o desempenho, em que sobressahiu n'uma bella creação comica o actor Mello.

O spectaculo novo do Gymnasio foi muito menos feliz.

O *Contra veneno*, uma comedia em 3 actos, italiana, é graciosa, mas o publico hoje habituado á ruidosa graça franceza de Meilhac, Halevy, Hennequin, Najac, Bisson, Chivot, Duru, conserva-se frio diante da graça palida das peças italianas. A imitação da comedia é excellente, o desempenho muito bom, mas o successo não lhe sorriu.

Um *rival implacavel* é uma comedia antiga, original do sr. Coutinho de Miranda, um *qui-pro-quo* facil, escripto com bom humor e espontaneidade, bordada de alguns ditos engraçados, e que fez rir os espectadores.

A peça da resistencia da noite devia ser o drama em 1 acto, de Alphonse Daudet, *O ultimo idolo*, a peça mais litteraria e de mais nome: mas foi de resistencia de mais, foi de indigestão.

O *ultimo idolo* é litterariamente uma pequena obra prima: theatralmente é uma massada monumental.

A idéa é magnifica, com tres personagens apenas Daudet faz em meia duzia de scenas uma terrivel tragedia burgueza. Na mão d'um auctor dramatico, aquella idéa profundamente dramatica daria um successo.

Se Alexandre Dumas tivesse collaborado com Daudet o *ultimo idolo* seria uma peça esplendida sob o ponto de vista theatral.

Assim é um soberbo estudo da vida burgueza para se ler, e nada mais.

Além d'isso o *ultimo idolo* tem umas exigencias de desempenho terriveis. No Gymnasio, apesar do merecimento notavel dos dois artistas que a representaram a peça foi um completo *four*, e tanto que não passou da primeira recita.

A traducção, feita pelo sr. Abreu Marques era magnifica.

— Chegamos ao terceiro spectaculo, aquelle que pelo seu genero mais curiosidade despertava em Lisboa: a *Revista do anno*.

Eu não comprehendo muito bem a estranha, persistente predilecção, que o publico tem pelas *Revistas do anno*, tão estranha e tão persistente, que resiste ha muitos annos á enorme série de sensaborias, que sob esse titulo os theatros de Lisboa lhe tem impingido.

A *Revista dos Recreios* é uma das melhores que tem apparecido n'estes ultimos tempos e pode justificar até certo ponto essa predilecção do publico.

Não quer isto dizer que seja uma obra prima, e para nós tem dois defeitos principaes, um que não tem remedio, outro facil de remediar. O de ser moldada inteiramente pela chapa banal de todas as revistas, e o de estar atulhada de ditos equivoccos, do peor genero, e de baixa esphera.

Com um bocadinho de esforço e de cuidado, Argus, que tem decidida vocação theatral e graça deveras, poderá corrigir para o futuro o primeiro defeito: com um bocadinho de boa vontade apenas pode corrigir n'esta revista, immediatamente, o segundo; e cortar sem dó nem piedade todas as graças chulas, que não prestam para nada e não fazem senão prejudicar os muitos bons ditos engraçados e criticos que tem a peça.

De toda a *Revista* o 1.º acto é incomparavelmente o melhor, os outros dois são muito mais fracos, mas Argus é um auctor dramatico habil, sabe calcular os seus effeitos, e quando esse 2.º acto ia a cahir poz-lhe o quadro do acampamento, que, não vindo nada a proposito, tem graça, vida, e novidade, e fecha com uma especie de fado brasileiro, encantador, que decidiu logo do successo d'esse acto, até ali duvidoso.

O terceiro acto tem longuras: o quadro do espiritismo, um bello assumpto, está descuidado, e pouco *reussi*; a rhetorica com que se brinca tanto nos outros actos começa ali a massar a sério, e torna-se insupportavel no tom declamatorio de critica philosophica e politica; mas a habilidade do auctor dramatico de Argus lá está a valer a esse acto, o menos feliz de todos, e quando o publico começa a enfasiar-se, vem o quadro do julgamento anno de 1882, que apesar de não ter novidade, e fazer lembrar o *O dinheiro do anão* de Labiche e o *Pompon*, é animado, é divertido, faz rir o publico, e desarma-o da severidade com a gargalhada.

Resumindo, a *Revista* teve um successo, e successo merecido, porque no fim de contas, apesar dos seus senões, é uma das mais engraçadas, que se tem representado em Lisboa, e tem sobre tudo a honrosa vantagem, de fazer rir sem insultar ninguém.

— Chegaram-nos agora ás mãos tres livros novos a *Brazeira de Praçins*, do grande escriptor Camillo Castello Branco, a *Cidade do Vicio*, de Fialho d'Almeida o talento mais notavel e mais serio da moderna geração litteraria, e as *Telas Historicas* do distincto poeta o sr. Macedo Pança. Vamos lê-los e na proxima chronica daremos d'elles noticia.

Gervasio Lobato.

## AUGUSTO MACHADO

Augusto Machado é, julgo eu, o unico compositor portuguez que conseguiu fazer representar uma opera em França, pelo menos nos ultimos 70 annos, com applauso do publico e da critica.

Este facto representa uma verdadeira e excepcional gloria para Portugal. Tão pobres somos nós em obras d'arte, e tão difficil é mostrar aos paizes civilizados o pouco que possuímos, que a apparição d'uma opera considerada pela critica franceza como um trabalho comparavel aos mais bellos trabalhos da moderna escola franceza, que a revelação d'um auctor portuguez classificavel entre os Delibes, os Massenets, os Saint-Saens, e applaudido triumphantemente por o publico da segunda cidade da França, — constitue um verdadeiro acontecimento nacional, dos maiores dos ultimos tempos da nossa historia contemporanea.

Por isto todos devemos a Augusto Machado os nossos mais entusiasticos applausos e a nossa mais profunda gratidão.

Ao monumento que a patria já deve a este distinctissimo filho o OCCIDENTE junta hoje a sua primeira pedra.

I

Augusto Machado nasceu em Lisboa, na rua Nova do Almada, n.º 100, 3.º andar a 27 de Dezembro de 1845.

O seu primeiro mestre de musica e piano foi, aos 7 annos de idade Ostronol, membro d'uma familia de musicos muito conhecida em Lisboa.

Joaquim Casimiro é porém a primeira influencia artistica que se encontra na educação do futuro maestro.

Joaquim Casimiro póde considerar-se como uma extraordinaria natureza musical que as circunstancias destruíram, ou antes, que as circunstancias nunca deixaram formar e desenvolver completamente. Era porém elle, o que, n'uma acção um pouco romantica, costuma chamar-se *uma verdadeira alma d'artista*; tinha um poderoso instincto, uma grande espontaneidade, um temperamento vibrante, uma aptidão exclusiva para a musica e, como consequencia natural, uma influente communicabilidade da sua paixão aos espiritos artisticamente aptos a deixarem-se influenciar.

Foi de Joaquim Casimiro que Augusto Machado recebeu as primeiras noções de harmonia.

Aos 9 annos Augusto Machado tocava já n'um concerto de amadores em Lisboa o *concerto* para piano de Herz sobre a *marcha do Otello* (op. 67). Como não havia em Lisboa a partitura de orchestra original, Joaquim Casimiro instrumentou de proposito toda esta parte.

O estudo das regras da harmonia e os trabalhos praticos necessarios eram por essa epocha para Augusto Machado uma verdadeira tortura de aridez e aborrecimento.

O pae de Augusto Machado quiz augmentar a Casimiro o seu estipendio de professor, d'esde que este começara a juntar, ás lições de piano, as primeiras lições de harmonia. Joaquim Casimiro recusou: o que o interessava n'aquelle ensino, não era o lucro, mas a organização excepcional de artista que sentia, pouco a pouco, desenvolver-se no seu discipulo:

— O que eu quero é fazer do rapaz um artista, dizia elle.

Manuel Joaquim dos Santos deu em seguida lições de flauta a Augusto Machado e os srs' Emilio Lami e João Guilherme Daddi foram successivamente seus professores de piano.

Em 1867 Augusto Machado pensava principalmente em fazer-se *um pianista*. Já então tinha escripto pequenas composições, valsas, *romanças*, e já n'ellas se podiam notar duas feições muito caracteristicas:

As ideias melodicas eram sempre distinctas, mas sempre pouco brilhantes. Annunciavam ellas um intimo sentimento de artista, cujas manifestações porém o grande publico teria difficuldade em facilmente aceitar.

Em 1867 Augusto Machado fixou-se algum tempo em Paris dando lições de piano, por indicações de Marmontel, com Albert Lavignac.

De volta a Portugal porém, o pianista foi pouco a pouco retirando-se, nas preocupações de Augusto Machado, para um segundo plano: os estudos do compositor predominaram dentro em pouco inteiramente, a ponto do pianista se tornar, apenas, um servidor do maestro.

O sr. Monteiro de Almeida professor do Conservatorio de Lisboa foi, então, o seu professor de harmonia, fuga e contra ponto.

Augusto Machado fez d'estes estudos no mesmo Conservatorio, até 1870, os exames do curso completo. Devo notar que em nenhum d'esses exames recebeu a mais pequena distincção.

Augusto Machado voliou então a Paris. A esse tempo o pianista dos primeiros annos tinha inteiramente desaparecido: tratava-se de educar seriamente um compositor.

Em Paris, nas suas repetidas viagens, Augusto Machado estudava, com bons mestres, harmonia, contraponto, fuga, instrumentação, ouvia e estudava os grandes modellos antigos, e as obras serias das escollas modernas. Danhausser, professor do Conservatorio de Paris, foi aquelle com quem mais continuamente trabalhou. Quando Augusto Machado vinha para Portugal, os seus estudos continuavam, recebendo, por meio de uma correspondencia ininterrupta, os conselhos e os casos praticos a realizar.

II

Augusto Machado tinha, antes da *Lauriane*, escripto já para o theatro.

Ha em Lisboa uma casa de espectáculos que devia oficialmente ser organizada por forma a poder servir á apresentação dos novos compositores portuguezes: É o theatro da Trindade.

É elle em todo o caso, e mesmo apesar de entregue á especulação particular, o campo mais facil de apresentação que a musica portugueza possui. Raras vezes esta tem dado algum interesse a esse theatro e nunca lh'o deu consideravel até hoje.

O distincto litterato que é o intelligentissimo director do theatro da Trindade, o sr. Francisco Palha, tem porém aproveitado todas as occasiões de tentar a introdução no gosto publico dos compositores nacionaes.

No theatro da Trindade se representaram pois muitas das operetas com que Augusto Machado começou a sua carreira musical.

N'uma casa em que morava Jayme Batalha Reis, na travessa do Guarda-Mór, reunia-se, ahi por 1868, um grupo de amigos que, entre 4 paredes, discutia todas as ideias, conspirava contra todas as instituições e revolucionava todos os systemas e todas as formas sociaes e politicas: Eram Anthero de Quental, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Salomão Saragga, João Lobo de Moura, o conde de Rezende, Marianno Machado de Faria e Maia, Ernesto Marecos.

As philosophias, as grandes épocas historicas, as mais fundamentaes instituições, assomiam, nas discussões errantes d'esse grupo de rapazes românticos, as formas mais disparatadas e extraordinarias: um systema politico ou uma religião, ora se tomava a serio com um vasto terror sagrado, ora se considerava como um simples argumento de opera comica.

Foi d'esta ultima disposição que sahio, escripto por Eça de Queiroz e Batalha Reis, um como que poema philosophico e symbolico, no qual, — por meio d'um accordo ainda hoje inexplicavel, — sob o nome de *A morte do Diabo*, se fazia a um tempo a demolição do velho Inferno catholico e a sathya dos burguezes lisboetas da Baixa. Eça de Queiroz tinha, no que chegou a escrever-se d'essa obra, — que se propunha ser uma opereta no genero do *Orpheo* de Offembach, — versos e estravagancias d'uma graça e d'uma originalidade extraordinarias.

Augusto Machado era, já então, o artista, o musico d'este grupo: sempre que se planeava alli uma grande revolução politica ou social, — o que se fazia, pelo menos uma vez por semana, — commendava-se a Augusto Machado uma *mar-selheza* para uso dos insurgentes que deviam vir do Lumiar, de Caneças ou do Beato Antonio, trazer a liberdade a Lisboa.

Augusto Machado foi pois o encarregado de fazer a musica para *A morte do Diabo*.

Assim como os intuitos do poema extravagante eram mais serios do que elle, assim a musica, escripta então por Augusto Machado revelou, desde logo, qualidades que eram, para Lisboa e para o publico do theatro da Trindade defeitos decisivos: a melodia era já d'uma distincção, d'uma sentimentalidade elegante e d'uma originalidade que os ouvidos habituados ao *Barba azul* não recebiam nem retinham facilmente.

Uma parte da musica da *Morte do Diabo* executou-se, com effeito, sem grande exito na Trindade, em 1870, adaptada ao *Sol de Navarra*, opera-buffa de Alfredo Athayde.

Em 1873 a musica da *Cruz de ouro* escripta por Augusto Machado para uma traducção de Alfredo Athayde e Rangel de Lima obteve um verdadeiro triumpho.

Seguiu-se em 1876, sempre no theatro da Trindade, a musica da magica *Os fructos de ouro* de Francisco Palha e Leoni; no mesmo anno a do *Degelo*, comedia de Sardou traduzida por Anthero de Quental e Batalha Reis; em 1878 a da *Guitarra*, imitação de Eça Leal, e em 1879, da *Maria da Fonte*, tentativa de opereta nacional portugueza, que obteve, perante o publico... um completo fiasco.

Mais adiante fallaremos d'estas differentes composições.

A opera que acaba de executar-se em Marselha com um exito tão completo no publico e na critica chamou-se primeiro, segundo o titulo do romance de George Sand, *Les Beaux Messieurs de Bois-doré* e foi começada a escrever em 1876. Cantada pela primeira vez a 9 de janeiro de 1883 pode dizer-se que, até às vespas d'este dia, ella foi objecto do mais serio trabalho: as composições musicas que podiam dar a côr artistica especial do seculo 17, as obras originaes de litteratura da época cuja influencia especialmente o drama representa, as opiniões estheticas e criticas sobre o papel da musica e do drama lyrico moderno, de tudo fez Augusto Machado uma base seria e meditada para a sua bella obra. É

só com este trabalho que hoje se alcança em arte a consideração do mundo.

De *Lauriane* só se executou em Portugal um trecho: Herminia Borghi-Mamo que conheceu a partitura dos *Beaux Messieurs de Bois Doré*, estimava-a muito. Em 1880, convidada para um concerto em beneficio dos estudantes pobres de Lisboa, a grande artista, querendo cantar musica portugueza, pediu a Augusto Machado uma aria da sua opera e executou com effeito o *cantabile* de *Lauriane* no 3.º acto.

N'esse mesmo anno celebrou-se o 3.º centenario de Luiz de Camões:

A commissão executiva da Imprensa de Lisboa pediu a Augusto Machado uma grande cantata para ser executada pelos artistas da companhia italiana do Theatro de S. Carlos.

Augusto Machado escreveu a *Ode symphonica* «*Camões e os Lusíadas*», magnifica composição de que apenas se cantou em Lisboa o soneto «*Alma minha gentil*» (romanza por Achilles Cor-si) e, muito modificada, a marcha final pela orchestra do Theatro de S. Carlos.

V. de D.

## EXPOSIÇÃO CERAMICA NO PORTO

### II

A parte da exposição relativa a azulejos antigos, era sem duvida a mais numerosa e completa que se tem visto, não só no nosso paiz como no estrangeiro.

Preciosissima e abundante, a collecção apresentada pelo sr. José Maria Nepomuceno, offerecia ella uma variedade de typos que definiam perfeitamente a historia d'essa industria peninsular, sendo a collocação methodica dos quadros um auxiliar poderoso para a descriminação das diversas épocas do fabrico d'esses azulejos.

É sabido que nos azulejos das épocas mais remotas, a ornamentação e a polychromia tem todas as caracterisações do puro estylo arabe. Depois, a carter do seculo xv, o desenho de laçarias e de combinações geometricas que se assignala até ao seculo xvi, começa a modificar-se pela introdução do elemento vegetal, que fica só em campo a datar do seculo xvi, época da completa transformação do primitivo estylo.

Então, se bem que ainda prevaleçam as cinco côres typicas, o castanho, a côr de vinho, turqueza, verde e branco, o relevo começa a desaparecer e com elle as referidas côres, dando-se estas alterações até ao seculo xvii, em que fica a predominar apenas o azul, continuando d'ahi por diante o azulejo a perder todo o caracter primordial.

Os azulejos exhibidos pelo sr. Nepomuceno pertencem a edificios religiosos e civis de Lisboa, Coimbra, Belem, Thomar, Sacavem, Varatojo, Azeitão, Marvilla, Caparica, e Arzilla (Africa), sendo as datas da construcção d'esses edificios de 1168 a 1785.

Entre esses exemplares havia alguns das antigas fabricas das caldas da Rainha, do Rato e de Talavera, bem como outras de manufactura hollandeza, notando-se um quadro que representava uma dama sustentando uma rede cheia de corações, assignado por Gabriel del Barco.

O museu do Carmo tambem expôz a sua boa collecção de specimens dos seculos xiv a xvii, entre elles, alguns hollandezes, sendo todos provenientes de edificações de Lisboa, Evora, Thomar, Coimbra, Belem, Abrantes, Villa Viçosa, etc.

Finalmente, contribuíram ainda com curiosos subsidios para o engrandecimento d'esta valiosissima secção do certamen, os srs. Marciano d'Azuaga, Joaquim de Vasconcellos, dr. Antonio Ignacio, Augusto Luzo, Clemente Meneres, Pinto Magalhães & C.ª, e G. A. Carvalho.

Como se vê pelo que deixamos rapidamente enunciado, a exposição conseguiu reunir n'esta especialidade, os mais interessantes elementos para a observação dos estudiosos, achando-se alli patente uma variedade e quantidade de typos que não se encontram nos mais oppulentos museus estrangeiros.

A secção de louça antiga era por igual abundante, havendo sobretudo exemplares muito curiosos de fayença portugueza que, attrahiam de preferencia a attenção dos especialistas.

Sem nos propormos traçar aqui, mesmo rapidamente, a histosia d'esta parte da industria oleira nacional, não deixaremos contudo de apontar alguns factos elucidativos, de certo interesse.

Se bem que seja rarissima hoje a louça portugueza dos seculos xv e xvi, ha contudo todos os dados para crêr na sua boa fabricação, bas-

tando para comprovar esta circumstancia, o facto caracteristico de ter sido servido em fayença de Extremoz o jantar ceremonioso, dado pelo rei D. Sebastião ao cardeal legado Alexandrino.

Para confirmar o valor da louça d'aquella localidade, bastará saber-se que ainda no seculo passado havia em Extremoz duas fabricas notaveis, uma da viuva Antunes e outra de frei Luiz Pernancho.

Segundo o testemho de Christovão Rodrigues de Oliveira, em 1553 era importante o desenvolvimento da industria ceramica em Lisboa, sendo empregado n'ella um grande numero de braços.

Em 1620, Nicolau de Oliveira dava uma resenha da elevada quantidade de fornos de louça vidrada e de *Veneza*, que havia na capital, podendo por ahi calcular-se a importancia d'essa industria nos seculos xvi e xvii.

Em 1619, por occasião da visita de Filipe III a Lisboa, os oleiros d'aquella cidade erguiam um ostentoso arco triumphal de fayença fina, trabalho que não devia ser de pouco valor.

Em 1738, vinte annos antes da fundação da fabrica do Rato, havia no Porto a importante fabrica de Massarellos, pertencente a Manuel Duarte da Silva, e á qual havia sido dado o privilegio de Real.

Em 1767 era creada a fabrica do Rato, tendo por primeiro mestre Thomaz Bruneto e por contra-mestre José Veroli, que mais tarde estabeleceu com pouca fortuna, uma fabrica sua em Bellas, a qual acabou no reinado de D. Maria I.

Em 1769, Paulo Paulete fundava uma fabrica, em que se propunha exceder a louça vinda de fóra.

Em 1775, a fabrica de Miragaya, de João da Rocha, satisfazia as necessidades de um consumo avultado.

Em 1776 creava-se em Sacavem a olaria de José Anselmo Aguiar.

Em 1784, o sabio naturalista e lente da Universidade, Domingos Vandelli, instituia com varios privilegios, uma importante fabrica em Coimbra, fundando depois em Villa Nova de Gaya, a do Cavaquinho, que teve o titulo de Real.

Em 1774 o general Bartholomeu da Costa fazia curiosas tentativas em Lisboa, para o fabrico de porcelana, e em 1793, o professor regio João Manço Pereira, entregava-se no Brazil a ensaios identicos, imitando a louça de Saxe e de Sévres.

Finalmente em 1824, José Ferreira Pinto Bastos estabelecia a importante fabrica da Vista Alegre que ainda hoje existe intelligentemente dirigida pelos seus descendentes.

Além das olarias que ficam mencionadas, muitas outras existiram não só em Lisboa e Porto, como em diversos pontos do paiz, sendo por vezes essa industria protegida e incitada por bem entendidos favores do estado.

N'esta secção da exposição do palacio, notavam-se entre outros objectos curiosos dois boões de botica, com ornamentação azul sobre fundo branco, pertencentes ao sr. G. Tait, apresentando esses vasos a data de 1641, por baixo das armas reaes portuguezas, data que, segundo a opinião dos competentes, é a mais antiga que até hoje se tem encontrado em louça portugueza.

Tambem attrahia muito a attenção um apparelho de chá, de porcelana, exposto pelo sr. José da Rocha Sousa Lima, trabalho aquelle que se attribue aos ensaios do general Bartholomeu da Costa. Todas as peças do apparelho tinham medalhões coloridos, com os retratos de D. Maria I e D. Pedro III, lendo-se nas molduras os nomes d'estes personagens, em latim.

Concorreram ainda a esta secção, com grande copia de objectos de todo o genero, os expositores Antonio Moreira Cabral, Marciano de Azuaga, Joaquim de Azuaga, Augusto Luso, J. C. Lemos, João da Rocha Sousa Lima, Eduardo Sequeira, Guilherme Tait, Julio Ozorio, José Augusto da Silva, dr. José Fructuoso Ayres de Gouveia, Antonio Augusto Franco, de Extremoz, José Ribeiro Caramillo, M. J. Felgueiras, D. Margarida Lagoá, D. Maria Camilla de Sousa Faria, D. Emilia Teives, e o muzeu do Carmo.

Toda esta louça vem minuciosamente catalogada pelo sr. Joaquim de Vasconcellos, no ultimo numero da *Revista da Sociedade de Instrucção* o qual traz tambem além de outros esclarecimentos valiosos, uma abundante collecção de marcas, muitas d'ellas ineditas e recolhidas pelo mesmo abalizado investigador.

Além da louça portugueza antiga, havia grande quantidade de porcelanas da India e China, productos de fabrica francez e inglez, taes como excellentes pratos hispano-arabes, do sr. Augusto Luso, exemplares de fayença franceza, expostos pelo museu do Carmo, etc. etc.

Porto, dezembro, 1882.

(Conclue)

Manuel M. Rodrigues.



FUNERAL DE GAMBETTA — PRESTITO DESFILANDO NA PRAÇA DA CONCORDIA, EM PARIS — 6 DE JANEIRO DE 1883

## THEATRO DA RUA DOS CONDES

(Continuado do n.º 139)

Ao terminar a epocha theatral, como hoje diriamos, de 1308 a 1804, o empresario Manuel Baptista de Paula fez uma escriptura com Francisco José de Faria, que no anno anterior perdera grandes sommas na empresa do Salitre, a fim de ambos passarem a explorar este theatro. Alvorçaram-se com o facto os actores e actrizes da referida casa de espectaculos, e logo expozeram, em requerimento, ao Principe Regente, que o fito de Paula era fazer com a rua dos Condes o monopolio, que Lodi pretendia antes realisar em favor do theatro de S. Carlos, e deixar os supplicantes a pedir esmola. Deram-se n'esta pendencia variadas peripecias, que já referi em outro periodico.<sup>1</sup>

A nova empresa do Salitre, que se formou para proteger os artistas dissidentes, foi recrutar uma parte da sua companhia entre os actores que tinham estado escripturados no theatro da Rua dos Condes até ao carnaval de 1804.

Permite-nos um requerimento de Paula, condemnatorio do tal procedimento, o apresentar ao leitor o nome de varios d'estes actores, que tiveram sem duvida a sua hora de celebridade e renome, e que hoje ninguem conhece, salvo um ou outro artista dramatico de respeitavel idade, por ter ouvido fallar n'elles no começo da sua carreira, ou então algum apaixonado de papeis roidos pela traça.

Os artistas que Parizini contratou — por serem os mais credulos no dizer de Paula — foram José Joaquim de Arsejas, que fazia n'aquelle tempo os papeis serios com excepção dos velhos, Antonio Borges Garrido, Sabino José Duarte e Clemente Pereira.

O actor José Joaquim Bordallo, depois de contractar-se com Manuel de Paula, quiz rescindir a escriptura sob o pretexto de se achar doente, mas com o fim, dizia o empresario prejudicado, de ir escripturar-se no Salitre. Pretendia tambem Parizini alliciar Josepha Theresa Soares, actriz da Rua dos Condes, e José Duarte e Silva, marido da mesma, e que tambem fora escripturado de Paula.

Envolveu-se n'esta porfiada questão o architecto e pintor Manuel da Costa, discipulo do afamado Simão Caetano Nunes, e que fora do Salitre para a Rua dos Condes, mediante uma escriptura com as seguintes con-



VISCONDE DA PRAIA GRANDE DE MACAU — Fallecido em 17 de Janeiro de 1883

(Segundo uma photographia de Fillon)

dições, que ainda hoje seriam muito favoraveis: 16 moedas de ordenado mensal, o producto da primeira recita das peças magicas e um beneficio livre de despesas. Apesar d'estas vantagens, o scenographo, que se jactava de ter talento as-

levantar na frente do referido theatro um grandioso edificio da ordem composta.» Na construção, que foi illuminada n'aquellas tres noites, notava-se um grande quadro transparente, obra de Cyrillo Volkmar Machado, e que representava

a Lusitania, acompanhada pela Religião, agradecendo as victorias. O edificio e toda a obra de pintura, que não a dos quadros, eram trabalho do architecto Joaquim Costa, irmão de Manuel da Costa, a quem substituiu em 1804 n'aquelle theatro.

Nas duas primeiras noites de illuminação não houve espectáculo, que se realisou na terceira e nas duas seguintes, e constou de um elogio allusivo á restauração do reino, e da comedia tambem nova *D. Affonso IV rei de Portugal ou a batalha do Salado*.

Estas peças provocaram de certo nos nosos avós o enthusiasmo que nunca deixa



THEATRO DA TRINDADE — SUSANA — Opera de Alfredo Keil, scenario de E. Machado

<sup>1</sup> *Jornal do Domingo*, n.º 23, 25, 26 e 27.

saç conhecido, desaveiu-se com o empresario e alliou-se a Parizini.

Manuel de Paula, n'um requerimento em que procura destruir as imputações que lhe fazem os contrarios, diz que concluiu com a casa de Louriçal, dona do theatro, um arrendamento pelo espaço de nove annos, e que entrou no deposito publico com a quantia de 2:400\$000 réis para remir as bemfeitorias do theatro por conta do arrendamento. Além d'isto, emprestou ao Marquez d'aquelle titulo a somma de 3:000\$000 réis. Fecharem-lhe a casa de espectaculos, equivalia a fazerem-lhe perder as duas quantias, cuja hypotheca unica era o theatro.

Este Manuel Baptista de Paula foi muito tempo empresario na Rua dos Condes, e passou em dezembro de 1809 a dirigir a sociedade de actores que ali se formou, como veremos.

O theatro andou sempre mais ou menos ligado com os successos da nossa politica. Vimos como se encareciam nos desenxabidos elogios as virtudes e merecimentos, verdadeiros ou imaginarios, dos soberanos e de suas familias. Em 1808, quando o exercito francez commandado por Junot foi expulso do paiz, após as derrotas de Roliça e Vimeiro, tomaram os actores da Rua dos Condes parte no contentamento da nação, festejando o feliz acontecimento, em a noite de quinta feira 29 de setembro de 1808, e nas duas immediatas.

No folheto allusivo ao festejo, e impresso em 1808 na officina de Simão Thadeu Ferreira, lê-se: «Para este fim, mandaram (os artistas)

de acompanhar a representação da *Restauração de Portugal* e de outras semelhantes armadilhas ao ruidoso theatro, patriotismo das platéas de hoje.

(Continúa) Maximiliano d'Azevedo.

#### CONTRA ERRATA

Não sabemos como, salu completamente adulterada a errata que fizemos no n.º 139 d'este periodico. E' o caso da rainha e balaha em vez da rainha. A errata era:  
\*Na segunda linha do terceiro paragraho do artigo relativo ao theatro da Rua dos Condes, publicado no n.º 136, deve ler-se: para umas tantas recitas, variaveis entre uma e 154, etc.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### O FUNERAL DE GAMBETTA

O corpo de Leão Gambetta tinha sido transportado para o palacio Bourbon, e fora exposto na sala das festas, convertida em camara ardente, toda decorada de trofeos e bandeiras tricolores. O feretro fôra collocado n'um catafalco formado por quatro columnas negras com bases e capitéis de prata, que se erguiam sobre um soco, cercado de degraus, forrados de pannos pretos lamellados de prata, e cobertos de corôas e ramos.

Oito lampadarios ardiam em torno do catafalco cercados por macissos de verdura. Uma bandeira envolta em crepe cobria o feretro. Um entablamento coroava as columnas.

O funeral celebrou-se no dia 6 de janeiro ultimo. Desde as 8 horas da manhã eram recebidos os convidados no palacio Bourbon pelos representantes da familia do finado. A multidão no emtanto ia enchendo a Explanada dos Invalidos; as numerosas delegações tomavam logar onde melhor podiam, e as corôas e flores que se receberam, encheram tres fourgons.

O carro funebre, puchado por seis cavalos chegou ás 9 horas e meia; era magnifico e muito artisticamente formado; corôas e flores lançadas como que ao acaso o adornavam; sobre o sarcophago elevavam-se tres palmas verdes, e entre ellas, pendente de um dos angulos, uma corôa de perpetuas enviada por uma aldeia da Alsacia. Lançado para traz pendia até á parte inferior do carro um panno de veludo bordado de prata.

Proximo das 10 horas e meia começou a desfilar o cortejo. Ás dez e um quarto sahia o feretro do palacio Bourbon ao troar do canhão dos Invalidos. O pesado caixão de carvalho e chumbo levou alguns minutos a transportar e collocar no carro funebre.

A nossa gravura representa a passagem do cortejo na praça da Concordia, coberta por innumera multidão. Sobre os telhados, parapeitos, balaustradas, sobre os candieiros, estatuas, columnas e sobre as arvores só se via gente; o terrasso das Tuileries fora invadido, não havia ponto onde um pé ou mão se podesse firmar, que não estivesse occupado, menos a estatua de Strasbourg, que os alsacios-loreños, tinham vindo na vespera cobrir completamente de crepe.

No momento em que o cortejo desembocava na praça as musicas tocaram a *Marselhesa*.

Rompiam o cortejo quatro batedores a cavallo, precedendo os carros das flores. Seguia-se a delegação de Belleville, trazendo como estandarte uma grande palma, em cujo meio se via um medalhão de Gambetta; sobre as folhas appareciam as datas 1838, 1869, 1870, 1877, e em uma que se via partida 1882. Uma bandeira tricolor sahia da palma com a palavra: *França*.

Seguiam-se a estas a deputação de Marselha, os empregados da *Republique française* e da *Petite République*, e depois o carro, a cujos cordões pegavam os ministros Fallières, Billot; o vice-presidente da camara dos deputados Lepère, o do senado Peyrat, Metivier, representante dos eleitores de Belleville, Falateuf, representante do foro parisiense, Sirech, *maire* de Cahors, o doutor Fieuzal, o deputado Etienne, representando a familia, e Martin-Feuillée, representando a união republicana.

Seguia-se ao feretro a familia e os representantes de seus membros ausentes, o general Pitié, representando o presidente da republica, ministros, corpo diplomatico, commandantes de corpos de exercito, senadores, deputados, conselheiros municipaes, etc., etc., e emfim, delegações, á frente das quaes a da Alsacia-Lorena, levando cada uma sua corôa. Deixando pormenores interessantes, que se podem ver nos periodicos francezes, terminaremos dizendo que ás 2 horas da tarde chegou o cortejo ao cemiterio do Père Lachaise. Collocado o feretro n'um estrado, cer-

cado pelos ministros e mais personagens, começaram os discursos, fallando primeiro o sr. Brisson, e em seguida os srs. Devès, em nome do governo, Chauffour, em nome das sociedades alsacio-loreñas, e Falateuf, Metivier, Peyrat, general Billot, Cazot, Henri Martin, e finalmente Isambert, por parte da *Republique française*.

Depois desfilou o cortejo perante o feretro, concluindo todas as ceremonias pelas 5 horas da tarde.

### O VISCONDE DA PRAIA GRANDE DE MACAU

No dia 17 do corrente falleceu o vice-almirante visconde da Praia Grande de Macau, Isidoro Francisco Guimarães, um dos officiaes mais antigos, mais valentes da nossa armada.

Não podemos, porque o espaço no-lo véda, seguir com toda a minudencia a vida publica d'este venerando militar, que por muitas vezes exerceu cargos importantes do Estado, incluindo o de ministro, e era ainda, poucos dias antes do seu fallecimento, director geral da marinha e secretario geral do respectivo ministerio.

Nasceu em Lisboa a 29 de abril de 1808. Depois de feitos os estudos preparatorios necessarios, matriculou-se em 1822 na Academia real da marinha, cujo curso terminou em 1826, tendo seguido tambem o curso de philosophia na Universidade de Coimbra, alcançando premio nos dois primeiros annos.

Assentou praça de voluntario no batalhão academico de Coimbra a 4 de dezembro de 1826, no qual fez as campanhas da Beira Baixa n'esse anno, em 1827 e 1828, tendo a final, quando se realisou a usurpação de D. Miguel, de emigrar para a Galliza.

Embarcou na Corunha para a Inglaterra, em agosto d'esse ultimo anno, com parte dos mais emigrados, entre os quaes se achava seu Pae, tambem do mesmo nome e distincto official da armada.

A 13 de dezembro de 1828 passou para a marinha, e conservando-se no deposito de emigrados de Plymouth, partiu em 1832 de Inglaterra para a Ilha Terceira, ás ordens do capitão Rozemberg, official encarregado de preparar a expedição dos Açores para o continente.

Acompanhando depois o exercito libertador ás costas de Portugal, distinguio-se na acção de 29 de julho pela sua bravura.

Um dos seus biographos diz o seguinte: «Os serviços prestados d'ahi em diante pelo bravo marinheiro são os mais relevantes.

Depois de ter na corveta *Regencia* figurado vantajosamente ao lado de destemidos marinheiros, que tornaram o seu nome immorredouro, embarcou tambem na corveta *Portuense*, tomando parte na expedição que foi conduzir ao Algarve a divisão do duque da Terceira. No combate naval de 5 de julho, em que ficou prisioneira a esquadra de D. Miguel, tornou-se o bravo marinheiro credor dos mais alevantados elogios, pela sua coragem e sangue frio. Por essa razão foi condecorado com a fita de *distincção*, nomeado cavalleiro da Torre e Espada, e 1.º tenente por distincção em combate.»

Commandou depois a fragata *Maia* e *Cardoso*, apresada na batalha do Cabo de S. Vicente e em seguida veio na *Elisa* cruzar na costa, fazendo ainda com este ultimo navio parte do bloqueio da Figueira, e assistindo á tomada de Caminha, Valença e Vianna.

Apesar de ter findado a lucta ainda foi cruzar nas aguas do Porto, Lisboa e Algarve e ilhas, fazendo ainda depois uma viagem a Bissau e Cabo Verde.

Commandou além dos referidos navios a corveta *D. João 1*, os brigues *D. Pedro*, *Douro*, *Audaz* e *Mondego*, brigue escuna *Faro*, escunas *Algarve* e *Amelia*, ainda outra escuna sueca, persa, e commandou muitos annos a estação naval de Macau.

Fez n'esses diversos navios viagens e estações em Africa, America do Sul e mares da China.

Foi promovido a 2.º tenente em 4 de Abril de 1833, por distincção; a 1.º tenente em 15 de março de 1834, a capitão tenente em 15 de fevereiro de 1844 e achando-se n'este posto foi por decreto de 13 de setembro de 1851, nomeado governador da provincia de Macau, e porisso supranumerario promovido a capitão de fragata, em 26 de novembro do mesmo, sendo considerado tal, no respectivo quadro em 29 de outubro de 1854.

Era difficil governar Macau, depois dos successos que anteriormente se tinham dado, mas com tal prudencia e tacto se houve em tão delicada commissão que conservou esse importante cargo durante 12 annos.

No emtanto fôra promovido a capitão de mar

e guerra supranumerario em 27 de janeiro de 1857 e considerado tal no quadro em 15 de dezembro de 1863.

Os serviços prestados em Macau foram considerados com o officialato e commenda da Torre e Espada, o titulo que tinha, conferido por decreto de 11 de dezembro de 1863.

O visconde da Praia Grande de Macau, foi deputado ás côrtes em 1864, e pouco depois elevado a ministro da marinha.

Em 1868 foi graduado em contra-almirante por decreto de 5 de fevereiro, e promovido á effectividade d'esse posto em 10 de outubro de 1873.

Os seus eminentes serviços deram motivo a ser elevado ao pariato, e entregar-se-lhe o desempenho do cargo de director geral da marinha, que exerceu durante muitos annos.

Poucos dias antes de fallecer, havendo-se aggravado os seus padecimentos, foi reformado no posto de vice-almirante a 11 de janeiro, ultima demonstração de respeito que a nação prestou ao valente marinheiro.

No seu sahimento funebre prestou-lhe as devidas homenagens um numeroz cortejo, de homens de todas as gerarchias e côres politicas.

Descance em paz o bravo batalhador das campanhas liberaes; desfolhemos sobre a sua campa alguns goivos de saúde.

### SUZANNA

Opera comica em um acto de Alfredo Keil

Alfredo Keil é muito conhecido dos leitores do *OCCIDENTE* como pintor. Agora vamos apresental-o como maestro, ou antes foi elle que assim se apresentou ha noites no theatro da Trindade com uma opera comica n'um acto *Suzanna*.

Alfredo Keil maestro tem as mesmas qualidades dominantes que Alfredo Keil pintor: uma grande delicadeza de promenores, um esmerado escrupulo no colorido: muita finura, muito acabamento, muita elegancia.

A sua estreia foi em exito artistico, e seria tambem um exito theatral se a insignificancia do poema não estivesse a desfazer completamente todo o bello effeito que a musica produzia.

N'essa musica ha uns numeros principalmente que tem sempre grande successo; uma walsa deliciosa, um tercetto sabiamente combinado, e duas romanzas de barytono de bello estylo e excellent composition.

O desempenho da *Suzanna* foi muito satisfatorio. A musica tinha que cantar, e os artistas da Trindade cantaram-na e o que é mais fizeram-na applaudir.

A scena da *Suzanna* representando um jardim alsaciano é nova e pintada pelo sr. Machado com habilidade e consciencia, conservando escrupulosamente a côr local. A composition é perfeitamente scenica e verdadeira. Parabens ao artista cujos progressos n'estes ultimos tempos são incontestaveis.

### CONVENTO E EGREJA DO BOM JESUS EM GOA

Este sumptuoso edificio está situado no antigo *Terreiro dos Gallos*, quasi no centro da velha cidade e fóra dos seus primitivos muros. Começou a construcção em 24 de novembro de 1594, á custa de D. Jeronymo Mascarenhas, que jaz sepultado junto á porta lateral do norte, em elegante mausoléu de bronze dourado, onde são representadas em relevo as suas façanhas, com a seguinte legenda:

SEPLTVRA DE JERONIMO MASCARENHAS. CAPITÃO QVE FOI DE COCHIM, E ORMVZ &, A CVJA CVSTA SE FEZ ESTA IGREJA: EM GRATIFICAÇÃO A COMPANHIA DE JESVS LHE DEDIC. V ESTE LVGAR — FALLECEV NO ANNO 1593.

O templo com a sua bella frontaria de granito preto muito ornamentado e grandioso, assim como a sacristia, guarnecida de magnificos armarios, onde se arrecadam os paramentos, a qual foi igualmente feita a expensas de um devoto, a quem os jesuitas, em signal de reconhecimento, ali mesmo deram sepultura, com a seguinte inscripção lapidar.

SEPLTVRA DE BALTAZAR DA VEIGA, A CVJA CVSTA SE FEZ ESTA SACRISTIA; A COMPANHIA DE JESVS EM GRATIFICAÇÃO D'ESTA BOA OBRA E DE OVTRAS QVE FEZ A ESTA CASA LHE DEDICOV ESTE LVGAR PARA SEV JAZIGO. FALLECEV A 14 DE JANEIRO DE 1659.

Entre os quadros que ainda se conservam pendurados nas paredes da mesma sacristia, existe

um representando a Magdalena em extase, tendo por baixo: *Fulcite me floribus, stirpate me malis, quia amore langueo*; e apesar de ser geralmente attribuido a Murillo pareceu-nos uma copia.

No templo existe, na capella do cruzeiro do lado da epistola, o famoso tumulo de S. Francisco Xavier, em estylo florentino; é uma das maravilhas artisticas da Asia e, segundo consta tradicionalmente, foi offertado pelo gran-duque da toscana, Fernando 2.º, para n'elle se depositar o corpo do santo. Dizem mais que o artista encarregado de o ir collocar, o que se verificou em 1655, se vira obrigado a reduzi-lo na altura por não poder accommodal-o na capella que lhe destinaram. O monumento sepulchral é quadrilongo e compõe-se de dois corpos distinctos, um com 3,63 metros de altura, formado por peças de alabastro e fino jaspe de varias côres, em tres socalcos diminuindo as dimensões nos de cima; o inferior mede na base 5,36 metros de frente, 2,68 de fundo, e na balastrada em que termina superiormente 2,68 de frente e 1,10 de fundo. Todas as suas quatro faces estão muito ornamentadas com tarjas, cornucopias, flores, e cherubins, e no segundo plintho tem no centro de cada uma das quatro faces uma lamina de bronze, representando em alto relevo actos da vida do veneravel S. Francisco Xavier, e por cima diversos emblemas ladeados de dois anjos segurando uma facha, em que está uma inscripção allusiva aos mesmos emblemas, a face voltada para o lado da igreja tem o sol nascente e diz: NOX INIMICA FVGAT. O outro corpo sustentado por dezesseis leões assenta no que acabamos de descrever, e sobre elle o caixão de madeira forrado de prata, com a altura de 0,99 metros; na base 2,09 de comprimento e 0,88 de largo; sobre a tampa acha-se uma cruz com peanha, o que eleva o monumento á altura total de 8,04 metros. Na peanha está a inscripção: *Satis este domine, satis est* palavras que Xavier repetia com frequencia. As faces do caixão são divididas por columnas torcidas, formando em cada um dos dezesseis espaços intermediarios dois quadros em laminas tambem de prata, figurando as mais sublimes acções da vida do santo, vendo-se nos recortes em aberto o veludo carmesim em que sobrepõem. Gravejados em diversos pontos do caixão existem 473 crystaes corados, 3 saphiras e 2 topasios; encontrando-se 729 engastes de prata, faltam 151 pedras, que provavelmente foram furtadas com a parte da balastrada de prata, que se acha substituida por outra de chumbo. O caixão tem superiormente uma balastrada guarnecida por 16 anjos sustentando diferentes insignias. Dentro d'este caixão ha outro de madeira forrado de damasco amarello, e um esquire coberto de tecido de oiro com ramos de matiz, onde está deitado o corpo do santo, revestido da casula ricamente bordada, tendo as armas da doadora, a rainha D. Maria Sophia, orladas com o seu nome; ao lado direito acha-se um bastão encastado de oiro e esmeraldas, e aos pés a medalha mandada por D. Pedro II. A prata que forra o caixão com os seus ornatos pesa actualmente 406 marcos e 6 oitavas.

Entre as immensas preciosidades que lhe teem sido offercidas deve mencionar-se a imagem do mesmo santo em prata fundida com o peso de 200 marcos e a altura de 1 metro e 33 centímetros, incluindo o pedestal onde está gravada a seguinte inscripção: *Sanctissimo indiarum Apostolo Francisca de Sopranis patricia gemensis Urbani Duratii olim uxor nunc Maria Francisca Xaveria inceleberrimo incarnationis monasterio Christi sponsa peregrino caelesti perigrini amoris votum, et monumentum P. P. anno dñi 1670.*

O diadema do santo é de oiro vindo de Rios de Sena, com pedras finas, e pesa 3 marcos.

A capella é muito ornamentada com obras de talha dourada e quadros a oleo representando scenas da vida de S. Francisco Xavier. Ainda ali se conservam quatro grandes lampadas de prata com o peso de 305 marcos, tendo sido as outras oito, que a mesma capella possuia, mandadas com varias preciosidades de oiro para a casa da moeda em 1840 e ahí lavradas em S. Thomés e rupias! Parte das joias pertencentes ao santo chegaram a vir para Portugal no principio do presente seculo, mas voltaram todas para Goa.

Junto á igreja está a casa professa; tem quatro andares, mas já bastante arruinados. Este edificio foi levantado em 1578, sendo a planta feita pelo architecto Domingues Fernandes, que havia ido do reino em 1565; e dirigiu as obras mestre Simão, natural da India, a quem Felipe Nery, sem nos dizer a razão em que se funda, chama estrangeiro. Nas instrucções regias enviadas a Mathias

de Albuquerque, em 8 de fevereiro de 1591, vem o bastante para julgarmos o contrario, no seguinte periodo: «E tambem pede o dito arcebispo se lhe envie d'este Reino hum mestre de obras de pedraria para se acabar a Sé de Goa, o que se pode escusar por ser informado que n'essas partes amda hum mestre de obras que se chama Argueiros, que ha muitos annos que reside n'elas, e hum mestre Simão lá nascido, que foi mestre das obras da caza nova da companhia, pelo que vos encomendo que pera se acabar a dita see lhe ordeneis hum dos sobreditos mestres ou outra pessoa suficiente na architectura, que possa correr com a obra dela, e a ponha na perfeição que convem, pois ha tantos annos que dura.»<sup>2</sup>

Em uma das sallas vimos um retrato com a seguinte legenda: *D. Frei Sebastião Pinto Pimenta cavalleiro professo da ordem de Chirsto fundador d'este collegio.* — o que dá lugar a supôr ter sido este o fundador d'aquella casa, quando o foi do collegio de Chaul, a que se refere, como o demonstrou Philippe Nery Xavier com a publicação do alvará de 10 de março de 1648, em que se concede licença para a companhia de Jesus aceitar a doação feita pelo padre Pimenta, empregando o capital em propriedades, para com o seu rendimento acudirerem ás despesas do collegio de Chaul, conforme o testador deixara ordenado.

Tanto na igreja, como no edificio em que esteve a casa professa, são precisas obras importantes para reparar os grandes estragos que teem sofrido, e garantir a conservação do monumento e as preciosidades que encerra.<sup>3</sup>

A. A. Teixeira de Aragão

## O AMIGO VISCONDE

### IV

Subiram o Chiado lentamente, falando de varias pessoas, que desciam do outro lado. Pararam um instante á borda do passeio a examinar uma carruagem, que estava á porta da Aline. O cocheiro, de cima da alfomada, reparou na observação do visconde, e comprimentou-o respeitosamente; e o visconde, levando a ponta d'um dedo á aba do seu chapéo, quasi indifferentemente, voltou-se para o amigo:

—Vê tu que réles equipagem! Que differença do que se vê lá fóra, no Bois, em Hyde Park, no Ketiro, no Corso!...

E principiou a exagerar defeitos nos arreios, nos cavallos, na libré dos criados, em tudo!

Continuou a subir, desolado por tudo aquillo; mas, quando tinha dado meia duzia de passos, bateu d'encontro ao peito d'uma senhora que sahia inesperadamente d'uma loja, recuou de repente e estacou surprehendido.

Dirigiu-se logo a ella, sorrindo discretamente, com o chapéo na mão, meio curvado.

Conheciam-se.

—Perdão!

—Ha que tempos que o não vejo! — exclamava ella em francez, fitando-o com o *lorgnon*.

O marido conservava-se um pouco affastado. Então o visconde estendeu-lhe a mão, de um modo glacial, sem tirar os olhos da mulher.

Era bonita, um pouco pallida, de olhos pretos, muito fresca e redondinha. Trazia um chapéo de rendas pretas enfeitado com uma grande roza d'um escarlate vivo. O vestido de seda preta muito liso e justo no corpete, tinha uma prega larga, até ao joelho, que lhe cingia muito os quadris, denunciando-lhe as redondezas das pernas, e enfunava-se atraz, em grandes tufo irregulares.

O visconde analysava-a detidamente, percorrendo a vista por toda ella, pelos cabellos, pelos olhos, pela curva saliente dos seios, e n'um tom de queixume respondia:

—Ah! não faz ideia! Parece que commetti um grande crime!

E explicava a sua ausencia pelo *desterro da provincia*.

Ella lamentava-o condoida:

—Que desgraçado!

Mas de repente, mudando de tom, perguntou-lhe se já sabia do baile, que tinha de haver na legação de Hespanha? Se tencionava ir ás recepções do ministro dos estrangeiros? Se já tinha ido a S. Carlos? Se ..

Elle não sabia nada, e não tinha ido a parte nenhuma.

—Estou um selvagem! Um pelle-vermelha!

— *Vraiment?* — disse ella a rir.

Riram-se muito; e o visconde, ao despedir-se, conservando a mão d'ella na sua, retirou da *boutoumière* a gardenia, e offereceu-lh'a com um galanteio.

Separaram-se.

Alvaro que, durante o encontro, se conservava a distancia, logo que o par desceu, adiantou-se para o visconde, metteu-lhe o braço e disse-lhe:

—É a secretaria de Hespanha; não é?

Era a secretaria, sim. O visconde tinha-a conhecido em Paris, quando o marido ali esteve addido á legação. E, n'um aparte:

—O marido é um idiota! E accrescentou: — é manso.

Tinha ella casado havia apenas dois annos. Era galante e tentadôra. Estava appetitosa.

—Então?... — disse Alvaro, e fallou-lhe baixo ao ouvido.

—Sim — affirmou logo o visconde, e accrescentou sorrindo desvanecido: — depois em Roma, aqui...

—Mas... — e Alvaro fez-lhe uma nova pergunta ao ouvido — Hein?

Elle estacou.

—Não — disse gravemente — não. Tu não sabes o meu gôsto? Detesto as gordas para isso.

Quando chegaram á Casa Havaneza havia um ajuntamento de homens á porta. N'um grupo de empregados publicos e de politicos fallava-se e gesticulava-se animadamente. Algumas vezes, quando o caso era grave, fallava-se baixinho, n'um murmurio discreto de vozes; outras vezes as vozes iam alteando pouco a pouco, e os nomes d'alguns ministros explosiam então alto, como bombas no meio d'um fogo de artificio! Um homem alto, magro, de grande péra grisalha, o chapéo lançado para a nuca, espalitando os dentes, gritava:

—Isso é tudo um bando de ladrões! tudo!

E, como nenhum o applaudia, nem o contestava, o homem, olhando em torno para os circustantes estranhos ao grupo, bramia outra vez:

—Todos uns ladrões! Costa d'Africa!

O visconde olhava para aquelle homem com terror; e aproximando-se do amigo, perguntou-lhe baixo:

—Elle é doido?

—Não — respondeu Alvaro — é republicano.

O visconde tornou a olhar para elle mais espantado ainda.

(Continúa.)

Alberto Braga.

## EPHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1801. — Fevereiro 1. — Primeira representação no theatro de S. Carlos de Lisboa da opera *Artaxerxes*, desempenhada pelo Gerbini, Crescentini, Praun, Schira etc.

1869. — 2. — Primeira representação em S. Carlos da opera de Mayerbeer, em 5 actos, libreto de Scribe, *A Africana*, desempenhada pelo Rei-Balla, Corradi, Naudin, Merly etc.

1857. — 3. — É constituida a companhia do *Café-Concerto*, com o capital de quarenta contos de réis.

1799. — 4. — Nasce na cidade do Porto, no predio da rua do Calvario n.º 37 39 e 41, João Baptista de Almeida Garrett, depois visconde de Almeida Garrett.

O *Almanach de Portugal* para 1855, pag. 152, o dá nascido em 4 de fevereiro de 1804! O *Universo Pittoresco*, tomo III, pag. 298, traz a noticia do seu fallecimento em 4 de fevereiro de 1802!

Um deu-lhe menos tres annos de vida, outro cinco. O sr. Pinheiro Chagas, nos seus *Portuguezes Ilustres*, dá a Almeida Garrett mais um

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:  
Dos meninos se fazem os homens.

<sup>2</sup> Cunha Rivera — *Arquivo portuguez Oriental*, fasc. 3.º n.º 79

— IV — pag. 303.

<sup>3</sup> *Descrição geral e historica das moedas cunhadas pelos reis, regentes e governadores de Portugal* — tom. 3.º pag. 58.

anno marcando a data do seu nascimento em 4 de fevereiro de 1798.

1837. — 5. — Morre quasi de repente Frei José de Santa Ritta e Silva, que foi discipulo do celebre compositor João José Baldy e mestre de Manoel Innocencio, Miró, Cazimiro Junior, Migone, Polycarpo, Procopio Neves, Bertoche, Sasseti, Vieira etc.

José Marques foi um perfeito compositor e teve justa celebridade no seu tempo.

1608. — 6. — Nasce em Lisboa uma das maiores glorias portuguezas: o padre Antonio Vieira; filho de Christovão Vieira Ravasco e de Maria de Azevedo.

1571. — 7. — Nasce o eminente jurisconsulto e notavel poeta Gabriel Pereira de Castro, auctor da *Ulysséa*.

1830. — 7. — Morre d'um ataque de paralyisia, em casa da marquezia de Aguiar, o grande musico-compositor portuguez Marcos de Portugal. Contava então 68 annos de idade, pois havia nascido em 24 de março de 1762. Jaz na capella de Sant Anna, situada no claustro do convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro.

1860. — 8. — Morre na cidade do Porto, ás 8 da manhã, da idade de 34 annos e 9 mezes, o mavioso poeta portuense Antonio Augusto Soares de Passos — o primeiro, o maior, o mais illustre de todos os poetas da nova geração — ao dizer de Passos Manuel.

1835. — 9. — Primeira representação no theatro de S. Carlos, da opera de Bellini, libretto de Romani, *Capuletos e Montechios*, desempenhada pela Neri-Passerini, Fabbrica, Storti e Ramonda.

O quarto acto é extrahido da opera *Romeo e Julieta* de Vaccai, pela rasão de ter o canto mais enérgico e accentuado. O assumpto, tanto d'uma como d'outra opera, é tirado da memoravel obra de Shakspeare.

Foi representada a primeira vez em Veneza na noite de 12 de março de 1830.

1849. — 10. — Representa-se pela primeira vez no theatro do Gymnasio a opera comica portugueza *Velhice namorada sempre leva surriada*, uma das tres que foram escriptas expressamente por Antonio Luiz Miró para aquelle theatro. Na *Velhice namorada* entravam muitas cantigas populares portuguezas mais em voga n'aquelle tempo.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os DICIONARIOS DO POVO, *propaganda de instrução para portuguezes e brazileiros n.º 2 Dicionario Francez e Portuguez*. Estão publicadas as primeiras duas folhas ou 64 paginas. Estes dicionarios pela sua extrema barateza concorrem largamente para a vulgarisação do conhecimento das linguas estrangeiras em o nosso paiz.

O POSITIVISMO, *revista de philosophia dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos... Porto Livraria Universal de Magalhães & Moniz, editores, 12 Largo dos Loyos*; está publicado o n.º 3 do 4.º anno, relativo a maio e junho de 1882. Encerra os seguintes artigos: *Marcha da civilização europea em relação aos destinos da civi-*

*lização occidental*, continuação pelo Dr. Theophilo Braga; *Tradições populares portuguezas*, pelo Dr. Consiglieri Pedroso, é o xii artigo, e merecendo o seu collector toda a consideração pelo colleccionamento d'estes importantes materiaes, é pena que os não sujeitasse a uma classificação methodica, que tornasse mais facil o seu estudo e consulta. Ainda ha outros artigos e um bibliographico sobre o livro de Abel Hovelacque: *Les Débuts de l'humanité. L'homme primitive contemporain*.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA. Publicou-se o 9.º fasciculo no qual se conclue o artigo *Cortes*, bastante interessante e começa o artigo x que se intitula — *Rendas antigas*. — É curiosa a sua enumeração e a sua transformação em outras novas, perda e obliteração

*direitos reservados na costa occidental de Africa*; uma noticia dos navios couraçados que possuem as diversas marinhas do mundo; uma visita ao arsenal de Caracas; bombardeamento d'Alexandria etc.

BIBLIOGRAPHIA UNIVERSAL, *publicada por la agencia internacional para comisiones literarias* — MADRID (39, Tudescos) y LEIPZIG (7 Königsstrass) — Ha muita falta entre nós de publicações d'esta natureza, e é, sem ellas, difficil conhecer o movimento litterario do paiz. N'esta publicação hispano-germanica, de que temos presente os 1.º, 2.º e 3.º fasciculos, vem notadas muitas obras, desconhecidas de grande numero dos nossos leitores, especialmente hespanholas. E' um bom serviço feito ás lettras a publicação d'esta *Bibliographia* onde vemjjá apontadas algumas obras portuguezas.

Declara-se n'esta publicação que todos os pedidos devem ser dirigidos para Madrid, que os preços das Novidades portuguezas e hespanholas se entendem livres de emballagem, porte, direitos e commissão para qualquer ponto dos territorios da união universal de correios, e que na correspondencia da moeda são equivalentes 1 peseta, a 1 franco, 180 réis, etc.

ESCENAS CONTEMPORANEAS. D'este periodico que encetou a sua publicação no primeiro de outubro do anno findo, tem sahido 7 numeros até

o 1.º de janeiro de corrente anno. E' publicado em Madrid, sendo a séde da direcção e administração na calle de Pavia, n.º 4. — Encerra noticias biographicas, e necrologicas de varios personagens da nação vizinha; artigos de bibliographia, entre os quaes um resumo do catalogo biographico-bibliografico do theatro hespanhol desde 1750 até o presente; uma parte poetica sob o titulo de — *Arpa del Trovador* — com varias poesias de distinctos engenhos hespanhoes, entre os quaes a infanta D. Paz, e artigos litterarios, economicos, sobre hygiene, e outros assumptos de interesse geral ou particular.

## SÃO CORRESPONDENTES DO «OCCIDENTE»

IMPERIO DO BRAZIL

E recebem assignaturas para este periodico os seguintes senhores:

RIO DE JANEIRO — Faro & Lino.  
 PERNAMBUCO — Luiz Abranches de Figueiredo  
 PARÁ — Alberto E. de Campos Antunes.  
 PELOTAS — Plotino Amaro Duarte.  
 BAHIA — Justino Severiano de Paiva.  
 CEARÁ — Joaquim José de Oliveira & C.  
 MARANHÃO — Antonio Pereira Ramos d'Almeida & C.<sup>a</sup>

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA  
 6, Rua do Thesouro Velho, 6



INDIA PORTUGUEZA — CONVENTO E EGREJA DO BOM JESUS, EM GÓA (Segundo um desenho de Lopes Mendes)

das mais antigas. É pena que o auctor não descrevesse cada uma d'ellas, e dissesse em que consistiam para esclarecimento dos menos lidos. N'este artigo vem tambem compendiada a applicação em alguns tempos d'essas rendas, e o seu emprego util e importante.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... *Philosophia popular em Proverbios*. — Segundo anno — sexta serie, 1882, David Corazzi editor, Empresa, Horas romanticas, premiada com medalha de ouro na exposição do rio de Janeiro. Administração: 40, Rua da Atalaya, 52 Lisboa. Filial no Brazil: 40 Rua da Quintanda, Rio de Janeiro. Vem de longe a expressão, que os proverbios são a sabedoria das nações, e já elles mereceram nos tempos biblicos a honra de uma collecção, se bem que um pouco diversa das modernas. N'esta ordem de sentenças curtas e conceituosas comprehendem-se: exemplos, adagios, proverbios, ríffoes, ditados ou ditos, anexins, e ainda outras designações tiradas do grego e latim, mas todas ellas se podem reduzir a dois ou tres typos principaes. Este trabalho não só põe ao alcance de todos uma riqueza da lingua, mas é precioso para o archeologo e ethnologo porque descobre muitas filiações e derivações que sem esses elementos não fora facil reconhecer. É util este livrinho, porque as outras collecções são difficeis de adquirir. O illustrado collector parece porem desconhecer a *Collecção* publicada em 1848 por Paulo Perestrello da Camara, talvez a mais vasta de todas, ainda que mal digerida.

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL... N.º 11 de 1882. — Continua com regularidade esta interessante e util publicação. Encerra este numero artigos muito interessantes, taes como uma noticia do *Observatorio meteorologico de Loanda*; outro muito succinto, mas concludente, sobre os nossos